

**POSICIONAMENTOS DISCURSIVOS SOBRE AS COMPETÊNCIAS
SOCIOEMOCIONAIS NA REDE SOCIAL X**

***DISCURSIVE POSITIONS ON EMOTIONAL SKILLS
ON THE SOCIAL NETWORK X***

***POSICIONES DISCURSIVAS SOBRE LAS COMPETENCIAS EMOCIONALES
EN LA RED SOCIAL X***

Francisco Vieira da Silva

francisco.vieiras@ufersa.edu.br

Doutor em Linguística

Docente da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA)

RESUMO

O objetivo central do estudo consiste em analisar posicionamentos discursivos sobre as competências socioemocionais na rede social X, investigando como esses discursos se relacionam com determinadas formas de saber, mecanismos de poder e estratégias de resistência à governamentalidade neoliberal. O aparato teórico que norteia o trabalho encontra abrigo nos Estudos Discursivos Foucaultianos. A metodologia segue a abordagem arqueogenealógica. O olhar analítico efetuado sobre um *corpus* composto por dezessete postagens publicadas no X revelou que os posicionamentos discursivos situam-se entre a recusa e a adesão à pedagogia das competências socioemocionais e, com isso, delineiam-se o funcionamento de certos saberes, de relações de poder e estratégias de resistência à governamentalidade neoliberal.

Palavras-chave: Discurso. Competência socioemocional. Educação. Mídia digital.

ABSTRACT

The main aim of the study is to analyze discursive positions on emotional skills on the X social network, investigating how these discourses relate to certain forms of knowledge, mechanisms of power and strategies of resistance to neoliberal governmentality. The theoretical apparatus that guides this work is based on Foucauldian Discursive Studies. The methodology follows the archeogenalogical

approach. The analytical analysis carried out on a corpus made up of seventeen posts published on X social network, revealed that the positions of the discourses lie between refusal and adherence to the pedagogy of emotional skills and, with this, the functioning of certain forms of knowledge, power relations and strategies of resistance to neoliberal governmentality are outlined.

Keywords: Discourse. Emotional skill. Education. Digital media.

RESUMEN

La educación especial es una modalidad educativa implantada en Brasil a través de la Constitución Federal de Brasil (1988) y especialmente descrita en la Ley de Directrices y Bases de la Educación Brasileña (LDB - 9394/96) desde la década de 1990, permeando todos los niveles de escolaridad. A partir de 1950, el mundo comenzó a viabilizar la educación especial con los Principios que orientan este proceso educativo: Principios de Normalización, Integración e Inclusión. Este artículo analiza y comprende cómo los Principios de la educación especial fueron y son importantes para que comprendamos mejor la educación especial dentro de la escuela común, el contexto social en el que fue creada y su ámbito de actuación. Es innegable que la escuela ordinaria está sufriendo transformaciones que van más allá de la entrada de alumnos con discapacidad y trastornos del espectro autista en la comunidad escolar. La permanencia y el aprendizaje de estos alumnos en el ambiente escolar deben ser realizados.

Palabras clave: Educación especial. Educación Inclusiva. Principios.

INTRODUÇÃO

Neste estudo, debruçamo-nos sobre a emergência de posicionamentos discursivos sobre as competências socioemocionais na rede social X (ex-Twitter). O foco reside em analisar como esses posicionamentos relacionam-se com determinadas formas de saber, mecanismos de poder e estratégias de resistência à governamentalidade neoliberal.

O trabalho justifica-se em virtude da inexistência de estudos que tematizem as competências socioemocionais em postagens da rede social X. Entendemos que

tal rede social constitui um espaço de debate importante na contemporaneidade e para qual é necessário lançar um olhar investigativo.

Embora já seja possível encontrar pesquisas sobre as competências socioemocionais em *sites* de organizações civis ligadas ao setor empresarial (Araújo, 2023), em matérias jornalísticas e documentos norteadores da educação (Estormovski; 2023; Cardozo; Colares; Sartori, 2023; Mueller; Chechinell, 2020; Santos; 2023) e em materiais didáticos do Novo Ensino Médio (Silva; 2023), ainda não há investigações que possam examinar como essas competências são discursivamente construídas no interior das redes sociais, particularmente do X. Para tanto, partimos das seguintes questões de pesquisa: que posicionamentos discursivos sobre as competências socioemocionais são produzidos na rede social X? Como esses posicionamentos se relacionam com formas de saber, de poder e da governamentalidade neoliberal?

Assim, é imperioso situarmos, ainda que, de modo breve, como as competências socioemocionais têm povoado o campo das políticas públicas educacionais brasileiras. De acordo com Magalhães (2021), apesar de a noção de competência figurar nos discursos e na política curricular brasileira desde a década de 1990, após a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), e indicar, já naquela época, a presença de interesses de setores vinculados ao empresariado no contexto escolar, as competências socioemocionais entronizam no espaço educacional, de modo mais nítido, entre 2011 e 2014, a partir do protagonismo exercido por instituições sem fins lucrativos que atuam na educação, como a Instituto Ayrton Senna (IAS), em parceria com organismos internacionais, a exemplo da Organização para Cooperação do Desenvolvimento Econômico (OCDE).

Para Magalhães (2021), pelo menos três acontecimentos assinalam a inserção das competências socioemocionais no cenário educacional brasileiro nos últimos anos, a saber: a) a realização do Seminário Educação para o século XXI, em 2011, promovido pelo IAS, pela Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência

da República e pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), tendo como foco destacar a relevância das competências socioemocionais como uma inovação curricular, partindo do princípio norteador de que há uma correlação entre o desenvolvimento de tais competências com a melhoria nos níveis de aprendizagem dos alunos, a partir de estudos internacionais; b) a implementação de uma experiência piloto na rede estadual do Rio de Janeiro (“Solução Educacional”), em 2013, sob a responsabilidade do IAS, com vistas a mensurar as competências socioemocionais e engendrar condições para o seu desenvolvimento, de maneira a servir como vitrine na realização de propostas em outras redes de ensino; c) a realização do Fórum Internacional de Políticas Públicas “Educar para as competências no século 21”, em 2014, que ampliou as discussões empreendidas anteriormente e enfatizou o alcance internacional dessa proposta, ao trazer para o debate autoridades de países da OCDE e estreitar os laços com o poder público, principalmente a partir de representantes do Conselho Nacional de Educação (CNE).

Esses acontecimentos pavimentaram o caminho de inscrição das competências em documentos que norteiam a educação no âmbito brasileiro, como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que textualiza as competências socioemocionais, ainda que esse termo não seja mencionado, na listagem daquelas que devem ser desenvolvidas no decurso de toda a educação básica. Por exemplo, a competência número oito assim se expressa: “Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, sustentáveis e solidários” (BRASIL, 2018, p. 10). Como se pode depreender, o documento normativo se institui como uma política a engendrar condutas, comportamentos e atitudes balizadas em competências como a autonomia, a responsabilidade e a resiliência.

Não é de modo fortuito que tais competências tenham sido eleitas para figurar no desenho curricular que a BNCC postula. Como no processo de idealização e

implementação desse documento, o papel exercido pelas fundações ligadas ao terceiro setor foi indisfarçável, era de se esperar que se evidenciassem os interesses do capitalismo financeiro neoliberal (Macedo, 2019). Assim, é importante situar que as competências socioemocionais emergem no universo corporativo e isso atesta o vínculo embrionário com o *modus operandi* empresarial e, portanto, com a forma de governança neoliberal. Vale ainda destacar que, amparados em Dardot e Laval (2016), compreendemos o neoliberalismo para além de uma corrente ligada à economia, senão como uma estratégia de governo, responsável por produzir relações sociais pautadas pela lógica da concorrência nos mais diferentes cenários, inclusive no cerne educacional e, de modo ainda mais específico, na questão subjetiva e emocional.

Na ótica de Cabanas e Illouz (2022), o neoliberalismo diz respeito a um estágio avançado do capitalismo, marcado sobremaneira por uma expansão do alcance da economia para todos os extratos culturais; pela demanda por critérios técnicos e científicos na deliberação de políticas sociais; pela ampliação de princípios utilitaristas de escolha, eficiência e maximização de lucros; pela intensificação da insegurança no trabalho, da instabilidade econômica, da flexibilidade do campo corporativo, da competição desmedida, bem como pela consolidação de um *ethos* terapêutico “[...] que situa tanto a saúde emocional como a necessidade de ‘realização pessoal’ no centro do progresso social e das intervenções institucionais” (Cabanas; Illouz, 2022, p. 81).

Nessa conjuntura social e histórica, os sujeitos são levados a voltar as atenções para si mesmos, com o intento de identificarem fragilidades e potencialidades a serem constantemente desenvolvidas, visando, principalmente, à realização pessoal num cenário caracterizado pelo acirramento de disputas e pelo recrudescimento da concorrência, conforme discutimos anteriormente. Por esse motivo, as emoções são cada vez mais exploradas pela cultura corporativa, dado que

se parte da necessidade de desenvolver emoções positivas nos trabalhadores, para, com isso, serem mais produtivos, adaptados a mudanças, colaborativos e autônomos.

A inserção das competências socioemocionais, nessa via, alinha-se ao escopo do universo empresarial, pelo fato de a educação consistir num setor estratégico, ou nas palavras de Veiga-Neto (2018, p. 44), num “[...] processo ou ação de governar e conduzir a conduta dos outros [...] veremos que educar funciona sempre como condição de possibilidade para que um grupo partilhe de um *ethos* comum, de um *ethos* já instalado”. Nesse sentido, ainda pensando com Veiga-Neto (2018), a partilha do *ethos* neoliberal carece que todos sejam educados em conformidade com os ditames neoliberais e isso explica o fato de várias empresas e corporações privadas promoverem projetos vultosos no campo educacional, bem como pela política de avaliação por resultados (Leão; Souza, 2023). As competências socioemocionais, por sua vez, encontram as condições de existência nessa relação com a cultura corporativa e a introjeção dessa racionalidade no universo da escola (Sampaio, 2022).

METODOLOGIA

Este estudo segue uma abordagem arqueogenealógica que, na esteira de Navarro (2020, p. 14), “[...] permite uma compreensão histórica de certos mecanismos infinitesimais de poder consolidaram-se e estabeleceram-se como práticas de um saber sobre o homem, por corolário, sobre seu corpo”. Seguindo os apontamentos foucaultianos presentes principalmente na obra *Arqueologia do Saber*, Navarro (2020) propõe três movimentos de ordem metodológica para a análise do discurso, a saber: a) isolar a instância do acontecimento, não com o intuito de relacionar com uma instância fundadora, de um autor, de uma tradição, mas de correlacionar com outros enunciados; b) recortar uma série enunciativa para investigar as relações entre os elementos dessa série, visando, principalmente rastrear os saberes em que se

ancoram e as relações de poder que são mobilizadas; c) descrever quais posicionamentos discursivos se presentificam nesses enunciados e como geram determinadas subjetividades, condutas e formas de governo.

Frente a esse protocolo, realizamos uma busca na rede social X, em maio de 2024, utilizando os seguintes descritores: “competências socioemocionais”, “habilidades socioemocionais” e “educação socioemocional” e obtivemos como resultado vinte e cinco postagens das quais dezessete são analisadas neste estudo. Por questões de ética em pesquisa nas redes sociais digitais (Kozinets, 2014), não será revelado o nome utilizado nas contas que fizeram as postagens, mesmo sabendo que tais identificações possam ser pseudônimos. Para tanto, codificamos as postagens em numeração crescente, tendo como norte a ordem em que aparecem na busca realizada. Além disso, preservamos a escrita da forma como foi coletada, sem fazer nenhum tipo de alteração.

Considerando que as postagens são marcadas pela heterogeneidade discursiva, estabelecemos séries enunciativas, de acordo com regularidades e certas recorrências temáticas. Para isso, buscamos ancoragem em Foucault (2010, p. 83), quando defende que uma formação discursiva “[...] coloca o princípio de articulação entre uma série de acontecimentos e outras séries de acontecimentos, transformações, mutações e processos”.

Assim sendo, conseguimos encontrar no *corpus* as seguintes regularidades: a) a necessidade de inserção das competências socioemocionais no currículo escolar; b) as consequências danosas da ausência das competências na vida do sujeito; c) as competências socioemocionais sob a ótica do professor; d) as competências socioemocionais sob o prisma do aluno; e) a crítica às competências socioemocionais.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Conforme descrito na seção anterior, organizamos a análise em regularidades discursivas, a partir das quais agrupamos alguns enunciados retirados da rede social X. Seguiremos, portanto, a sequência anunciada antes e começemos análise pela regularidade que compila postagens que defendem a necessidade de inserir as competências socioemocionais no currículo escolar. Vejamos.

Os empregos que logo se tornarão mais prevalentes exigem habilidades multidimensionais, inclusive competências cognitivas, socioemocionais e técnicas (Postagem 1).

Atualmente as *soft skills* e competências socioemocionais são vistas como verdadeiros pilares para liderar ambientes de negócio com sucesso. Pronto para liderar essa mudança? (Postagem 2).

O projeto 'Adote um estudante' identifica os estudantes vulneráveis, oferece assistência de um psicólogo profissional, ajuda os estudantes a trabalharem mais eficazmente as competências socioemocionais nas salas de aula e educa a comunidade escolar sobre saúde mental (Postagem 3).

Nas postagens em estudo, podemos flagrar posicionamentos discursivos que, ao enunciarem sobre as competências socioemocionais, de alguma maneira, defende a necessidade de incluí-las no currículo escolar. Assim sendo, a postagem 1 frisa a importância das competências na formação de profissionais aptos a ingressarem em postos de trabalho; a postagem 2 enfatiza a centralidade da educação emocional na ocupação de cargos de liderança e produz um dizer com efeito de convite ao sujeito leitor; já a postagem 3, por sua vez, destaca um programa exitoso de acolhimento de discentes considerados vulneráveis, a serem assistidos para o aperfeiçoamento das competências socioemocionais.

Fica em relevo, nas duas primeiras postagens, a preparação para o mercado de trabalho e, na terceira, o foco na atenção à saúde mental, o que realça a relevância de implementar ações no interior da escola que possam dar conta dessa demanda. Em comum, encontra-se a defesa em introjetar no esteio da escola uma certa lógica que se ancora sensivelmente na racionalidade neoliberal, conforme ponderam Estormovski e Silva (2024, p. 3), ao pontuarem que as emoções têm sido "[...]

instrumentalizadas na atualidade neoliberal de forma que sejam assimiladas como competências que, propagadas pela educação básica, promovem condutas condizentes com as expectativas do capitalismo emocional”.

A segunda regularidade identificada no material analisado diz respeito aos efeitos danosos resultantes da ausência das competências socioemocionais.

Algo que não sou a favor, mas obviamente não compete a meu ser, é graduação logo após a finalização do ensino médio, pois o estudante não compreende muito sobre o meio acadêmico, tampouco sobre as habilidades e competências socioemocionais (Postagem 4).

Como professora que lida diariamente com os adolescentes dessa geração eu afirmo! A turma que está vindo aí é bizarra de sem noção, sem empatia, sem competências socioemocionais (Postagem 5).

Acho que por isso as escolas estão desesperadas em trabalhar as competências socioemocionais desde a primeira infância. Corrigir o que está acontecendo agora para que não se repita. (Postagem 6).

Os posicionamentos discursivos expressos nas postagem dão conta das consequências negativas frente à ausência do desenvolvimento das competências socioemocionais, em razão dos seguintes fatores: a) tais competências são requeridas no universo acadêmico, motivo pelo qual os discentes que saem do ensino médio e ingressam na universidade têm dificuldades para se adaptar a esse meio (postagem 4); b) os adolescentes da geração de hoje demonstram a ausência dessas competências, o que parece assustar o sujeito enunciador (postagem 5); c) as competências são fundamentais desde a primeira infância, com o intuito de corrigir comportamentos danosos que podem afetar o bem-estar dos alunos (postagem 6).

Entrecortando esses posicionamentos discursivos, tem-se a compreensão de que as competências socioemocionais são necessárias para a construção de subjetividades marcadas pela disciplina, pela adesão a um discurso de bem-estar e saúde emocional e pela emergência de condutas em conformidade com o que se espera do jovem em idade escolar. Na postagem 5, destaca-se o fato de o sujeito

enunciador lidar diariamente com os adolescentes e, com isso, busca elucidar o seu discurso a partir do saber docente.

Conforme nos lembra Foucault (2010 p. 61), o discurso é um “[...] conjunto em que pode ser determinadas a dispersão do sujeito a sua descontinuidade em relação a si mesmo”. Assim, o sujeito professor e o sujeito que enuncia na postagem a partir do lugar institucional da docência não são coincidentes, mas descontínuos; entretanto, se entrecruzam na produção do discurso, notadamente na defesa das competências socioemocionais como uma espécie de solução para a situação em que se encontram os adolescentes da contemporaneidade.

A postagem 6 denota um efeito de preocupação das escolas em desenvolver as competências socioemocionais, com vistas a evitar que não repita “o que está acontecendo agora”. Para situar melhor o referencial dessa postagem, vale frisar que foi publicada num momento em que o país enfrentava uma série de episódios violentos em diferentes escolas, especialmente nos primeiros meses de 2023 (Jural *et al*, 2024). Assim, o posicionamento discursivo da postagem imputa às competências socioemocionais a missão de minar possíveis comportamentos que possam gerar ações violentas no futuro, dado que o trabalho com as competências precisa ocorrer logo na primeira infância.

Podemos interpretar que as postagens discursivamente emolduram estratégias de governo das condutas para a infância e para a adolescência, porque é preponderante a ênfase em como o trabalho com as competências torna-se imperioso no contexto atual. Os posicionamentos discursivos, ao assumirem o lugar do diagnóstico da situação em que se encontram as crianças e adolescentes hoje (objetivados como despreparados emocionalmente para ingressar na universidade, sem empatia e inclinados a disposições violentas), projetam quais devem ser as ações a serem efetivadas para a melhoria desse quadro e a construção de novas condutas para o futuro.

Na terceira regularidade localizada no conjunto das postagens, agrupamos posicionamentos discursivos que permitem entrever como os professores têm lidado com a perspectiva das competências socioemocionais. A série enunciativa a seguir representa essa regularidade.

Kkkkkk meus alunos do 8 ano riam da infantilidade da apostila do Dom Bosco que ensinava “competências socioemocionais”. Essa porcaria só foi boa para quem ganhou dinheiro produzindo as tais apostilas (Postagem 7).

Raquel diz que está negociando uma plataforma com Instituto Ayrton Senna para desenvolvimento de competências socioemocionais em PROFESSORES... Eu não vou aguentar mais palestras motivacionais e aulas com coach não gente...ME SALVEM (Postagem 8).

Além de preparar aula, corrigir atividades, trabalhos e provas, lançar diário de frequência, agora temos uma planilha linda e maravilhosa para preencher com as competências trabalhadas em cada aula para aspectos socioemocionais e combate a evasão... (Postagem 9).

Nos posicionamentos discursivos em tela, os sujeitos se situam no espaço da docência para discutir acerca das competências socioemocionais e o fazem de forma crítica e resistente à pedagogia das competências. Na postagem 7, tem-se a expressão de riso por meio do emprego de uma forma usada na comunicação virtual e o tom debochado para se reportar à qualidade dos materiais didáticos relativos às competências socioemocionais. Na postagem 8, o sujeito professor, ao se referir à governadora do estado de Pernambuco Raquel Lyra (PSDB), especulando que esta pode implementar um programa de educação socioemocional para os professores, denota o incômodo em ter que lidar com práticas e discursos do campo da autoajuda. Na postagem 9, o docente vê-se atarefado com o seu trabalho e discursiviza as competências socioemocionais como mais uma atividade burocrática que tende a deixá-lo ainda mais cansado.

De modo geral, as postagens discursivizam as competências socioemocionais como um engodo e uma prática que não soluciona os problemas reais da escola. Seja por materiais didáticos ineficazes, seja pelo fato de apelar ao campo da autoajuda,

seja porque se trata de mais uma espécie de dívida do docente junto ao aparelho burocrático estatal (Resende, 2021), as competências, conforme os posicionamentos estudados, tornam-se inapropriadas ao trabalho do professor, pois parecem ser exógenas às aspirações e às necessidades dos docentes.

Ainda pensando na estratégias linguístico-discursivas empregadas nas postagens para falar das competências, é importante recuperar, na postagem 7, a ocorrência do termo competências socioemocionais entre aspas, de modo a sinalizar como o sujeito enunciador busca se afastar desse dizer, distanciando-se desse objeto de discurso; a postagem 8 vale-se do uso da caixa alta, especificamente nos termos “professores” e “me salve”, de modo a gerar o efeito de insatisfação, de desabafo, de um “grito” de socorro; o sujeito da postagem 8, ao enumerar de modo preciso as suas atribuições, colabora para a constituição de um dado efeito de exaustão de trabalho, que se maximiza com o preenchimento manual das competências socioemocionais trabalhadas em cada aula.

Pensando com Foucault (1995), podemos entender esses discursos das postagens como formas de enfrentamento e de resistência aos modos de governo que as competências socioemocionais engendram. De acordo com esse autor, a resistência é coextensiva às relações de poder, de modo que só pode haver poder, quando forem possíveis as maneiras de fuga, as práticas de liberdade e de insurreição. Os docentes, quando recusam ser objetivados pelo discurso das competências, acabam por engendrar contracondutas que, por meio de uma determinação política, escapam às investidas da racionalidade neoliberal no controle das emoções.

A seguir, temos mais uma regularidade discursiva: as competências socioemocionais sob a ótica dos discentes nas postagens publicadas no X.

pq eu tenho que fazer a matéria de competências socioemocionais se eu já tenho 15 anos de terapia (Postagem 10).

Competências socioemocionais abalando meu emocional (Postagem 11).

Meu Deus que aula podre de chata. Eu quero ser dentista e não ficar ouvindo sobre competências socioemocionais (Postagem 12).
Competências socioemocionais. Aprendi que não tenho e sou fudida emocionalmente (Postagem 13).

Os posicionamentos discursivos colocam em relevo o lugar do discente no debate sobre as competências socioemocionais. Podemos observar que as competências aparecem já inseridas no currículo escolar e isso desencadeia posicionamentos de recusa (postagem 10,11 e 12) e de uma definição sobre o aprendizado das competências (postagem 13). A educação emocional sob a ótica das competências é discursivizada como algo desnecessário, seja porque o sujeito enunciador alegado já ter feito terapia (postagem 10), porque tal matéria deixa o sujeito afetado emocionalmente (postagem 11), porque a profissão a ser exercida pelo aluno supostamente não precisaria demandar conhecimento das competências (postagem 12) ou ainda pelo fato de o sujeito já ter chegado a uma conclusão de que se mostra incapaz de desenvolver as competências.

No caso da postagem 10, o sujeito, uma vez objetivado pelo saber da psicoterapia, considera que já desenvolveu as competências socioemocionais necessárias e isso o leva a questionar a razão pela qual ainda necessita estudá-las no ambiente da escola. Já na postagem 12, o sujeito emprega o termo “podre de chata” para se referir à aula em que se discute as competências, as quais são concebidas como inapropriadas para a função de dentista. Nisso fica em destaque um dizer segundo o qual as competências poderiam ser indicadas apenas para determinados sujeitos, cujos anseios e projetos de vida, de algum modo, perpassem pela educação emocional, de modo a limitar o alcance da proposta das competências.

Assim como vimos nas postagens dos docentes, nos discursos dos alunos mostram-se salientes estratégias de recusa às competências socioemocionais, dado que parecem ser reticentes a essa tecnologia de poder. Conforme destaca Candiotti (2016, p. 33), trata-se de “[...] um enfrentamento estratégico a ser exercido livremente diante da tentativa de normalização disciplinar e de regulação do biopoder”. Noutras

palavras, os posicionamentos das postagens permitem mostrar a existência de pontos de fuga, de desvios e de outros agenciamentos por parte do sujeito aluno numa relação agonística consigo mesmo e com outro e, principalmente, na sua insubordinação no tocante ao governo neoliberal das emoções.

Na última regularidade discursiva deste estudo, há posicionamentos de crítica às competências socioemocionais.

Penso que em educação há um problema de deslumbramento e forçação de barra. Nem tudo que é humano cabe em métrica [a postagem se refere a um relatório produzido pela OCDE sobre as competências socioemocionais de alunos brasileiros] (Postagem 14).

Acredito que é necessária a pauta da saúde mental nas escolas, trabalhar competências socioemocionais nas escolas e tals. Mas gente isso tem q ser feito por profissionais da área. Professor(a) ã tem qualificação p/ tratar dessas questões e muito menos p/ saber lidar com elas (+) É preciso desnaturalizar a ideia de q professor tem que dar conta de tudo. Precisamos conhecer a realidade de nossos alunos? Sim. Compreendê-la na medida do possível? Sim. Mas não é e nem deve ser nossa competência lidar com medos, angústias e traumas de outras pessoas. (Postagem 15).

Coisas que pode também combater a violência e promover a cultura da paz: a Sagrada Pomba da Paz, o Anjo da Salvação, Leão Aslan, a carta de magic Pacifismo. Compartilham com as competências socioemocionais o fato de serem todos ficções [a postagem reage a um texto publicado no Estado de S. Paulo, intitulado As competências socioemocionais podem ser um antídoto contra a violências nas escolas?] (Postagem 16).

Tem uma coisinha chamada Competências socioemocionais que é incentivada pela BNCC e o Novo Ensino Médio que em nada se trata de lidar com a saúde mental de estudantes para protegê-los, mas preparar uma adaptação deles à disputa do mercado de trabalho (Postagem 17).

Em diferentes níveis, os posicionamentos discursivos empreendem um gesto de crítica às competências socioemocionais no ambiente da escola. Assim, a postagem 14 volta-se para o relatório da OCDE acerca das competências de estudantes brasileiros, afirmando se tratar de uma atitude deslumbrada, o que põe em xeque a autenticidade dessa proposta educacional. Na postagem 15, embora se reconheça a importância das competências socioemocionais na abordagem da saúde

mental, tem-se um julgamento acerca da ausência de formação do docente, pois, conforme o posicionamento assumido, não cabe ao professor lidar com questões que fogem a sua qualificação profissional. A postagem 16 lança mão do humor para se contrapor a um texto publicado no jornal O Estado de S. Paulo, cujo objetivo consistia em discutir se as competências socioemocionais poderiam ser mobilizadas para solucionar a problemática da violência nas escolas. O posicionamento discursivo da postagem inscreve as competências socioemocionais no universo ficcional, na esteira da fabulação e do sobrenatural, ao lado de símbolos místicos e religiosos. Já a postagem 17 elucida que as competências, ao figurarem no seio das reformas educacionais brasileiras, estão a serviço do mercado e não cumprem com a função de trabalhar temas importantes, como a saúde mental.

No conjunto das postagens dispostas, emergem discursos que questionam a política subjacente à proposta das competências socioemocionais, desnudando os interesses que as envolvem, descaracterizando possíveis neutralidades, contrapondo-se, assim, à racionalidade neoliberal e aos seus jogos de verdade. Podemos frisar que, assim como outras postagens estudadas, essa série enunciativa desencadeia estratégias de resistência ao discurso de consenso e ao efeito de evidência a caracterizar o funcionamento e a circulação de dizeres sobre as competências socioemocionais. Retomando Foucault (2006), entendemos que toda relação de poder tem como correlato a existência de uma agitação constante de formas de resistência e, seguindo esse pensamento, consideramos o discurso das postagens como manifestações desse embate.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decurso deste estudo, buscamos analisar posicionamentos discursivos sobre as competências socioemocionais na rede social X. Para tal, estabelecemos os

seguintes questionamentos: que posicionamentos discursivos sobre as competências socioemocionais são produzidos na rede social X? Como esses posicionamentos se relacionam com formas de saber, de poder e da governamentalidade neoliberal?

A análise de dezessete postagens veiculadas no X que enunciavam sobre as competências socioemocionais partiu da identificação de algumas regularidades que diziam respeito à necessidade de inserção das competências socioemocionais nas escolas, às consequências danosas da ausência das competências, ao modo como docentes e discentes se posicionam em relação a essa temática, bem como às críticas a ela endereçadas.

Assim sendo, as postagens que defendem a implementação das competências reforçam os malefícios da ausência destas na formação das crianças e adolescentes e consideram as competências como uma ferramenta necessária para debater a saúde mental dos alunos, para prepará-los para o mercado de trabalho que cada vez mais requer profissionais emocionalmente educados, bem como para combater o problema da violência nas escolas. Esses posicionamentos discursivos, portanto, aderem ao discurso da pedagogia das competências e clamam que essa estratégia de governamentalidade seja demandada, a fim de engendrar condutas em sintonia com os desígnios da sociedade neoliberal.

Já as postagens dos docentes, dos discentes e as que fazem o exercício da crítica às competências tendem a considerá-las, ora como dispensáveis e falaciosas, ora como um instrumento que serve somente aos interesses do mercado. Por isso, entendemos que essas postagens se situam no lugar da resistência à normalização e às tecnologias de governo neoliberal.

A heterogeneidade dos posicionamentos discursivos analisados possibilita concluir que as mídias digitais, em especial o X, configuram-se em importantes canais de promoção do debate público contemporâneo. Quando pensamos na educação, esse debate desencadeia diversos jogos de verdade, de modo a atestar que estamos diante de um campo em constante disputa.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Kátia Costa Lima Corrêa de. Competências socioemocionais e a economização da vida: uma leitura discursiva, **Currículo sem fronteiras**. [s. l.] v. 23, 2023. Disponível em: <http://curriculosemfronteiras.org/vol23articles/1137.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2024.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular** – BNCC. Brasília, DF: MEC, 2018. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=85121-bncc-ensino-medio&category_slug=abril-2018-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 05 fev. 2020.

CABANAS, Edgar.; ILLOUZ, Eva. **Happycracia**: fabricando cidadãos felizes. Trad. Humberto do Amaral. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

CANDIOTTO, Cesar. Sujeito, agonística e seus desdobramentos políticos em Michel Foucault. In: NALLI, Marcos; MANSANO, Sonia Regina Vargas (Orgs.). **Michel Foucault**: desdobramentos. Belo Horizonte: Autêntica, 2016. p. 29-40.

CARDOZO, Maria José Pires Barros; COLARES, Maria Lília Imbiriba Sousa; SARTORI, Leandro. Competências socioemocionais no novo ensino médio: interlocuções com as recomendações da OCDE. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 18, e023110, 2023. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/18166/17011>. Acesso em: 29 jan. 2024.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo**: ensaios sobre a sociedade neoliberal. Trad. Mariana Echalar. São Paulo: Boitempo, 2016.

ESTORMOVSKI, Renata Cecília. Antigos atores, novas propostas: o IAS como protagonista na promoção das competências socioemocionais na educação básica brasileira, **Revista de Estudos Teóricos y Epistemológicos en Política Educativa**. Ponta Grossa, v. 8, 2023. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/retepe/article/view/21621>. Acesso em: 21 maio 2024.

ESTORMOVSKI, Renata Cecilia; SILVA, Roberto Rafael Dias da. Currículos socioemocionais e liderança: da mobilização coletiva à motivação do eu, **Educação**

e Pesquisa. São Paulo, v. 50, 2024. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ep/a/gjsdF5mjH36LcWcr9pm3SWF/?format=pdf&lang=pt>.
Acesso em: 10 abr. 2024.

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. *In*: RABINOW, Paul; DREYFUS, Hubert. **Foucault**: uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica. Trad. Vera Porto Carrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995, p. 231-250.

FOUCAULT, Michel. **Ditos e Escritos IV**: Estratégia, Poder-Saber. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Trad. Luiz Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

JURAL, Lucas Alves *et al.* "Epidemia" de violência nas escolas brasileiras e os efeitos na saúde dos sobreviventes: uma perspectiva a partir das experiências adversas na infância, **Cadernos de Saúde Pública**. Rio de Janeiro, n. 40, v. 3. 2024. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/csp/a/ZRXF3mZ5nSQFgBhzd8gd9dG/?lang=pt#>. Acesso em: 20 maio 2024.

KOZINETS, Robert V. **Netnografia**: realizando pesquisa etnográfica *online*. Trad. Daniel Bueno. Porto Alegre: Penso, 2014.

LEÃO, Bruno Layson Ferreira; SOUZA, Allan Solano. *Accountability* na educação básica: novos modos de regulação e de controle de resultados, **Rev. Pemo**. Fortaleza, v. 4, 2022. Disponível em:

<https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/8574/7500>. Acesso em: 11 mar. 2023.

MACEDO, Elizabeth Fernandes de. Fazendo a Base virar a realidade: competências e germe da comparação, **Retratos da escola**. Brasília, v. 13, n. 25, p. 39-58, jan./mai. 2019.

MAGALHÃES, Jonas Emanuel Pinto. Competências socioemocionais: gênese e incorporação de uma noção na política curricular e no ensino médio, **E-mosaicos**. Rio de Janeiro, v. 10, 2021.

MUELLER, Rafael Rodrigo; CHECHINEL, André. A privatização da educação brasileira e a BNCC do ensino médio: parceria para as competências socioemocionais. **Educação**. Santa Maria, v. 45, 2020. Disponível em:

<https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/35680/pdf>. Acesso em: 20 jan. 2024.

NAVARRO, Pedro. Estudos discursivos foucaultianos: questões de método para análise dos discursos. **Moara**, Belém, n. 57, v. 1, 2020. Disponível em: <https://www.periodicos.ufpa.br/index.php/moara/article/view/9682/6672>. Acesso em: 15 jan. 2021.

RESENDE, Haroldo de. Política da vida, produção de verdade e dívida como técnica de governo no meio educacional. In: RESENDE, Haroldo de. (Org.). **Michel Foucault: da produção de verdades ao governo da vida**. São Paulo: Intermeios, 2021. p. 190-209.

SAMPAIO, Fabrício de Sousa. A intencionalidade formativa de projetos de vida do PNLD 2021, **Ensino em Perspectivas**. Fortaleza, v. 3, n. 1, p. 1-24, 2022. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/article/view/7315/6803>. Acesso em: 20 maio 2024.

SANTOS, Jane Eire Rigoldi dos. **Educação para as competências socioemocionais e BNCC: contradições na formação do ser social**. Tese (Doutorado em Educação). 227 f. Programa de Pós-Graduação em Educação – Universidade Estadual de Maringá: Maringá, 2023. Disponível em: <https://ppe.uem.br/teses-e-dissertacoes-1/teses-1/2023/2023-jane-eire.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2024.

SILVA, Francisco Vieira da. Conquistando corações e mentes: as competências socioemocionais como reflexo da racionalidade neoliberal em coleções didáticas de projeto de vida, **Educação em revista**. Belo Horizonte, v. 39, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/GFN35hcsHNvtvrG9YkqgkVw/>. Acesso em: 11 jan. 2024.

VEIGA-NETO, Alfredo. Neoliberalismo e educação: os desafios do precariado. In: RESENDE, Haroldo de. (Org.). **Michel Foucault e a arte neoliberal de governar a educação**. São Paulo: Intermeios, 2018. p. 33-44.